

RIO 2016

DOMINGO, 31 DE AGOSTO DE 2016

FOLHA DE SPALTO

Bradesco CVC

ANTONIO PRATA

Um saco de provérbios

Se o futebol já dá argumentos para gregos e troianos, o que dizer de uma Olimpíada?

O MENTRE. Tossido cura e moço bate menta fésia. O futebol serve pra congresso, tantas vezes que, no final, não serve pra congresso. Vai festejando. A diferença é que, na vitória, apegamos que ganhamos porque fomos todos pra olímpia, resumo, na derrota, que perde mais porque fomos todos pra olímpia.

Além das questões técnicas, várias vezes de mundo se escondem por trás do futebol. "Qualquer palavra é de uma complexidade extraordinária", dizia Nelson Rodrigues — e há quanto tempo a complexidade mais pra boca humana, pra melódica hollywoodiana, pra grega ou esquiva do Monty Python, vide a gloriosa dança da levitadora de peso de Kibritçi.

A derrota com mais de uma pessoa pra afirmar que prefiro a derrota de 1982 à vitória de 1994. Se o futebol valesse algu

ma coisa, digamos, a patina Terrou o fim da fome na África, eu seria fregalho. Por enquanto, eu não fregalho. Mas se o futebol valesse, eu seria fregalho. Mas se o futebol valesse, eu seria fregalho. Mas se o futebol valesse, eu seria fregalho.

Se o futebol já dá argumentos para gregos e troianos, o que dizer de uma Olimpíada? É como um saco de provérbios. Um dia você assiste ao jogo do Diego — quem espera sempre alcança —. Hyslop depois de can de banda, em 2008, e de cana, em 2012, e, no outro, a vitória do Thiago — quem não arisca não peisa —. Buz (subindo o sarro no final).

Quando corredor americano Steve Prefontaine dizia que não queria ser melhor do que os outros, mas pra aguentar a dor

como ninguém. A gente ouve isso e fica embevecido, repetindo o mantra da modernidade, qual quer um consegue qualquer coisa, basta se esforçar bastante. Até é o Bohr sonando e desacelerando no final das corridas e pensa o contrário: as pessoas nascem destinadas a serem o que são, é tudo genética, talento é um traço aleatório, não há muito o que fazer.

Robson Conceição foi desclassificado na primeira luta nas duas últimas Olimpíadas. Treinou, amadureceu, ganhou. Me comovo e penso que o mundo é justo. Mas a seleção feminina de vôlei perde pra China e penso, não, a vida é injusta, é preciso aceitar.

"O esforço vale a pena", "O esforço é inútil", "Yes, we can!", "No, we can't", são todas ideias contraditórias, mas não autoexcludentes. As coisas são e não

são, já disse alguém por aí, não sei se Caetano, Heidegger ou Didi Mocó — todos têm suas verdades, não têm?

Até o fato de a Olimpíada no Rio ter dado tão certo, apesar das nossas más do que justificadas expectativas, me traz sentimentos opostos. Meu lado otimista diz: "buzá! Não somos desafiados ao fracasso, quando a gente quer fazer uma coisa direito, a gente vai lá e faz. Aí entra o lado pessimista: a Brasil não é uma tragédia porque a gente não consegue resolver os problemas, ele é uma tragédia porque a gente não quer resolver os.

E, para não terminarmos esta última crônica olímpica com um trauma na boca, afinal, Olimpíada, pra mim, é um acontecimento tão bonito como a seleção de 1982, de vocês com a incrível dançinha de Kibritçi: <http://imgre.me/ullfi>. A todos, um bom domingo.



a última medalha

Substituição de imagens do jogo de vôlei entre Brasil e Argentina

BRASIL TENTA NO VÔLEI O OURO DERRADEIRO

MARCEL MERGUZO
MARIANA LAJOLO
ENVIADOS ESPECIAIS DO RIO

O exigente Bernardinho pediu para seus jogadores relaxarem antes de uma das situações mais complicadas que enfrentarão em 15 anos à frente da seleção de vôlei.

Parceira um comando contraditório vindo do treinador que transformou o patamar da equipe, graças a muito treino e honra, a uma busca constante por perfeição. Mas era a última cantada que restava. E foi assim, relaxada, que a equipe conseguiu chegar à quarta final seguida em Olimpíadas.

Não é o time mais talentoso, nem o mais eficiente que o treinador já teve nas mãos, mas conseguiu transformar uma campanha que parecia falada ao fracasso em medalha. O time encara a Itália às 13h30, no Maracanãzinho.

A ordem para os atletas relaxarem foi dada na última partida da primeira fase. Oit-

me estava com a corda no pescoço. Mas uma derrota e teria o pior desempenho das mãos de Bernardinho.

Não havia mais o que fazer, nenhuma ideia revolucionária, nenhuma arma secreta no banco. Os atletas só precisavam ter paciência para jogar e lidar com seus pontos fracos. Um caminho diferente daquele traçado nos últimos quatro ciclos olímpicos. O treinador assumiu o time em 2001 e transformou a forma de trabalho da equipe. Além disso, contou com uma geração brilhante, com atletas como Giba, Nalbet e Gustavo, que levou o Brasil à vitória nas Olimpíadas de Atenas 2004 — em Barcelona 1992, o Brasil havia obtido seu primeiro ouro, com o técnico José Roberto Guimarães.

O time nacional passou por transições, após passar com eficiência e foi ainda a mais duas finais: duas pratas. Chegou ao Rio, no entanto, com a geração menos brilhante de todos esses anos.



4 finais olímpicas seguidas e o feito do time de Bernardinho



1 título olímpico com o Brasil em Atenas 2004, título à Itália

Bernardinho não conseguiu encontrar jovens talentos que pudessem substituir à altura os medalhões que saíram e acabaram fazendo uma renovação às avessas.

Com atletas mais velhos, que tiveram poucas chances em ciclos anteriores, como o oposto Evandro, 34, e o ponteiro Lipe, 32.

Perdeu ainda Murilo, líder nas duas últimas Olimpíadas, que estava em má fase física, mas era importante para mexer com a cabeça dos atletas.

O caso mais emblemático foi o resgate do libero Sérgio. Aos 40 anos, foi chamado após três anos de aposentadoria da seleção porque não havia jogadores que pudessem assumir a responsabilidade da função. E porque é um líder nato.

Depois de dois vícios em 2014, do Campeonato Mundial e da Liga Mundial, o time ficou apenas em quinto lugar na Liga de 2015 e ficou um sinal de alerta. Chegou ao Rio sob muitas

dúvidas e fez uma primeira fase sofrível, chegando ao último jogo, contra a França, com a possibilidade de ser eliminado precocemente.

Foi bem nesse momento mais agudo que Bernardinho pediu aos jogadores para relaxarem. Não havia muito mais a ser feito. E deu certo.

Venceram a Argentina nas quartas de final. Na semi, diante da Rússia, começaram o jogo a humo que poderiam fugir o bloqueio rival na base de cotadas potentes. No primeiro ataque que parou no painel, Sérgio deu uma bronca em Lipe. "Fidel que não dá para ser assim, não era na força que fomos ganhar. Precisávamos ter paciência", afirmou.

O atacante ouviu e se lembrou. Tinha de relaxar. Não é o melhor time, não são os jogadores mais brilhantes, mas com Lipe, a seleção brasileira aprendeu a se manter no topo. Falta um degrau.

Vindo do banco, Lipe se torna o coração do time

DOIS ENVIADOS AO RIO

Quem vê Lipe gritando com os colegas em quadra não entende como ele pode ser descrito como "companheiro" e "atençioso" pelos companheiros. Mas essa mistura tem feito a diferença na seleção.

O ponteiro de 32 anos saiu do banco para ser titular na partida decisiva contra a França, pelas quartas de final. Gritou, vibrou, atacou e decidiu.

"Essa agressividade tem que acontecer. É parte da confiança entre nós. Depois de quatro anos eles sabem já que sou um cara que vai muito agressivo. Eu sou um pouco forte demais, mas não é por mal", afirmou Lipe, que defendeu o Brasil nas Ligas Mundiais de 2013, 2014 e 2016 e foi vice do Mundial dois anos atrás.

Só agora recebeu a chance de disputar uma Olimpíada. Ganhou seu espaço no time com o corte de Murilo, um dos pilares da equipe, que não tinha condições físicas.

Conta a França e nas quartas de final, diante da Argentina, deu bronca em Lucatelli por causa de erros. Na sexta, contra a Rússia, cobrou Lucão logo no começo do jogo. Parecia briga, mas é o jeito que ele encontrou de ser mais decisivo para o time.

"O coração está sendo importante demais. A gente não queria dar esse gosto amargo para o brasileiro", disse Lipe.

O ponta não saiu do time com uma lesão nas costas. Ele sentiu uma contra-torta nas quartas e jogou a semi à base de remédios.

"Sinceramente, não tinha certeza de que fariam aguentar [Lipe e Lucatelli, com lesão na coxa]. Depois do jogo, o Lipe me agradeceu e disse que estava bem", afirmou Guilherme Tenório, o Lipo, substituído do time.

HANDEBOL

Rússia derrota a França e leva a medalha de ouro no feminino

DE SÃO PAULO — A seleção feminina de handebol da Rússia derrotou a França por 22 a 19, neste sábado (30), no Arena do Futuro, e conquistou a medalha de ouro do torneio olímpico.

O time que na semifinal havia derrotado a seleção da Noruega, então bicampeã olímpica, fechou o primeiro tempo com três gols de vantagem

sobre as francesas e conseguiu manter a liderança sobre as rivais na segunda etapa.

A medalha de bronze do torneio olímpico ficou com as norueguesas, que derrotaram, também neste sábado, o time da Holanda por 16 a 26. As holandesas foram responsáveis por eliminar o Brasil nas quartas de final do torneio.



Atletas da seleção russa de handebol celebram com o ouro

MARATONA

Marilson dos Santos é principal esperança de medalha na prova

DE SÃO PAULO — A grande esperança do Brasil na maratona olímpica, que começa a ser disputada às 9h30 deste domingo (21), é Marilson Gomes dos Santos, bicampeão da maratona de Nova York.

O fundista foi o melhor brasileiro na maratona dos Jogos Olímpicos de Londres 2012, com a quinta colocação.

Durante a prova, ele terá a companhia de outros dois brasileiros, Solonei Rocha da Silva e Paulo Roberto de Almeida.

Os favoritos, como sempre, são atletas africanos, especialmente o queniano Eliud Kipchoge, líder do ranking mundial, e Stephen Kiprotich, de Uganda, vencedor da prova na Olimpíada londrina.